

Revista aberta

Open journal

Anélia Montechiari Pietrani 

Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
E-mail: aneliapietrani@letras.ufrj.br

Mais um número da *Revista do Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea* do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da UFRJ entra no ar. A densidade e a pluralidade se avizinham nos documentos publicados: cinco ensaios, duas resenhas e uma entrevista, após rigorosa avaliação de pareceristas e cuidadosa revisão de nossa equipe editorial. São plurais as autoras e os autores que assinam os textos: graduandos, mestrandos, mestres, doutorandos, doutores – sem qualquer hierarquização. A densidade de leitura dos textos literários e da redação de pontos centrais dos resultados das pesquisas que vêm sendo empreendidas sobre a literatura produzida na atualidade não é apanágio da hierarquia acadêmica. Por isso, como sempre, nossa revista está aberta à produção de todos os níveis de ensino e pesquisa.

Os dois primeiros ensaios refletem sobre as relações entre poesia e música. Tomando para análise o álbum *Como é bom estar debaixo d'água*, de Luedji Luna, Beatriz Lima do Prado chama a atenção para a possibilidade extensiva da canção contemporânea e seu diálogo com outras manifestações artísticas. As relações entre letra e melodia estendem-se, em performance, para o texto cantado, falado e encenado no álbum audiovisual da cantora baiana, que, atravessando a tradição da autoridade negra do jazz, do blues, do soul, dos tambores do candomblé e sob a pluriperspectiva da arte, poetiza em canto e imagem os temas da afetividade e do amor de uma subjetividade negra silenciada.

Editoras-chefes

Anélia Montechiari Pietrani

Laíse Ribas Bastos

Maria Lucia Guimarães de Faria

Como citar:

PIETRANI, Anélia
Montechiari. Revista aberta.
*Revista Fórum de Literatura
Brasileira Contemporânea*,
v.15, n.30, e64704, 2023. doi:
[https://doi.org/10.35520/
flbc.2023.v15n29a64704](https://doi.org/10.35520/flbc.2023.v15n29a64704)

Em sequência, Antonio Eduardo Soares Laranjeira analisa a obra de Marcelo Montenegro, compreendendo-a como uma poética do sampleamento. Combinando esse conceito com os de “arte inespecífica”, segundo Garramuño, e “poética da citacionalidade”, de Perloff, o pesquisador das relações poético-musicais nos apresenta uma obra em constante movimento, resultante de múltiplas conexões, colocando, inclusive, em xeque o sentido de originalidade. Em citação e recitação, o já-dado – o “baú de tranqueiras”, no caso de Montenegro – atravessa fronteiras das artes e entrega-se à seleção, à montagem e ao sampleamento.

A enigmática poesia de Orides Fontela dá ensejo ao ensaio seguinte, assinado por Fábio Santana Pessanha. Quando ousaram dizer que mente e corpo se separam na poesia? Talvez os mesmos que separaram poesia e filosofia. “Pelo espanto, poesia e filosofia se reúnem”, diz Fábio Pessanha, utilizando dois sintagmas que explicam o trânsito por essa rua de mão dupla cujas pistas não são tão delimitadas assim: “pensatividade corporal” e “corporeidade pensativa”. O resultado é um ensaio de grande densidade sobre a poesia não menos densa de Orides Fontela.

Espaços, desta vez, não transitáveis – nem em mão dupla – é o que Daniella Ferreira dos Santos explora em seu estudo sobre o romance *A pediatra*, de Andréa del Fuego. A hierarquia entre patroa e empregada está bem demarcada tanto no espaço sociogeográfico da trama, quanto no espaço que cada uma ocupa na construção da narrativa. Nesse romance, no entanto, o quarto da empregada é voz de resistência dentro do apartamento da médica pediatra que odeia crianças. Os cômodos, quando são cômodos, não estão tão cômodos assim. Cômoda – a depender do ponto de vista – é a hierarquização construída por um autoritarismo persistente no Brasil.

Oito do sete, de Cristina Judar, é o romance estudado por Luciana Borges e Thainá Pereira Gonçalves. Fundamentada principalmente por duas expoentes da teoria feminista e dos estudos de gênero, Adrienne Rich e Judith Butler, a análise centra-se nas estratégias narrativas empregadas pela autora para a composição das protagonistas, cujo relacionamento homoafetivo é abalado pela concepção do casamento como instituição largamente moldada pela heterossexualidade compulsória. O jogo de pontos de vista que compõem a narrativa, melhor seria dizer no plural – as narrativas –, é indicativo tanto da internalização da compulsão da heterossexualidade quanto da ideia de maternidade como um aparato muito bem construído social, religiosa e culturalmente, mas insistida como um desejo natural feminino. O romance de Judar resulta dessa ambiguidade, espelhada em suas vozes narrativas.

Um romance histórico e um histórico de mulheres editoras são os temas das duas resenhas que integram este número. Na primeira, Miriam de Carvalho escreve sobre *Fábrica de mentiras: do Vale do Café ao Arco do Triunfo*, de Luiza Lobo, livro publicado em 2022. Na outra, Priscila Nogueira Branco desfia o processo de produção dos verbetes de *Mulheres que escrevem*, obra que acabou de ser publicada, em 2023.

A revista se abre ainda para a entrevista de José Bessa com as escritoras Zélia Balbina (Ponan Puri) e Sandra Benites (Ara Reté Guarani), esta também uma especialista em Educação Indígena. A sensível conversa entre os três mostrou que temos muito ainda a nos abrir para os conhecimentos da cosmologia indígena, suas oraturas e literaturas. Lembrando o que nos disse a professora Sandra, a narrativa, que os guaranis chamam de *tapé*, significa o caminho. Na narrativa e no caminho, tudo pode começar a partir de um ponto, que nunca é final.

Esperamos que também este número da *Revista do Fórum* não se encerre aqui. O caminho está aberto e apenas começa no ponto final de cada um de seus textos. Boa caminhada de leitura!